



Artigo

Interseccionalidade e Preconceito: Um Olhar sobre a Vida Acadêmica da Pessoa LGBTI+

Kelvi da Silva Oliveira

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS
kelvi.svaoliveira@gmail.com | ORCID 0009-0001-6937-4604

Pedro Ricardo da Cunha Nóbrega

Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF
pedro.nobrega@univasf.edu.br | ORCID 0000-0002-9640-3351

Resumo

Este artigo discute a interseccionalidade como uma das questões centrais atinentes às relações sociais de gênero, sexo e classe. Observa-se que a multiplicidade dos sistemas de opressão compõe atravessamentos que interferem diretamente na forma de vida da pessoa LGBTI+, interferindo, inclusive, no acesso e permanência ao ensino superior. Na esteira destas questões, destaca-se a necessidade de compreensão da distinção e das inter-relações de conceitos, que são, na sua maioria, marcadores importantes para efetivação da igualdade. Metodologicamente esta pesquisa possui caráter qualitativo, do tipo descritivo. Foram realizadas entrevistas individuais e semiestruturadas com dezesseis graduandos da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). Os dados foram analisados utilizando a Análise de Conteúdo (AC), possibilitando a elaboração de duas categorias centrais de análise: reconhecimento interseccional e preconceito. Desta forma, objetiva-se identificar contextos, estereótipos, preconceito, bem como o acolhimento e inter-relações narradas pelos participantes. Quanto à fundamentação teórica, embasamo-nos em estudos da interseccionalidade, destacando a importância do gênero e da sexualidade para a construção social e cultural dos indivíduos no ensino superior, apoiando-nos em autores que discutem esta temática, entre eles, Collins (2017); Rios, Perez, Ricoldi (2018); Bilge (2018) e Loureiro (2023). Os resultados obtidos nos permitem concluir que, além de avanços gradativos que



ocorrem no âmbito da sociedade, os membros da comunidade LGBTI+ carecem de mais representatividade e justiça social, pois, de forma inaceitável ainda são vistos como uma subclasse na sociedade, tendo por vezes seus direitos e garantias negados, o que não é tolerável no Estado democrático de direito.

Palavras-chave: Interseccionalidade; Preconceito; Ensino superior; Diversidade humana.

Abstract

This article discusses intersectionality as one of the central issues concerning social relations of gender, sex, and class. It is observed that the multiplicity of oppression systems comprises intersections that directly affect the lives of LGBTI+ individuals, including their access to and retention in higher education. Considering these issues, the need to understand the distinction and interrelationships of concepts, which are, for the most part, important markers for the realization of equality, is highlighted. Methodologically, this research has a qualitative and descriptive character. Individual, semi-structured interviews were conducted with sixteen undergraduate students at the Federal University of Vale do São Francisco (UNIVASF). The data were analyzed using Content Analysis (CA), allowing the development of two central categories of analysis: intersectional recognition and prejudice. Thus, the objective is to identify contexts, stereotypes, prejudice, support, and interrelationships narrated by the participants. Regarding the theoretical foundation, we base our study on intersectionality, highlighting the importance of gender and sexuality for the social and cultural construction of individuals in higher education, focusing on authors who discuss this theme, including Collins (2017); Rios, Perez, Ricoldi (2018); Bilge (2018), and Loureiro (2023). The results obtained allow us to conclude that, despite the gradual advances occurring in society, members of the LGBTI+ community still lack greater representation and social justice, as they are unacceptably still viewed as a subclass in society, with their rights and guarantees often being denied, which is intolerable in a democratic state governed by the rule of law.

Keywords: Intersectionality; Prejudice; Higher education; Human diversity.

Introdução

Este artigo apresenta reflexões que se propõem identificar, analisar e problematizar as interseccionalidades que incidem sob a pessoa LGBTI+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros e Intersexuais) dentro do ambiente acadêmico, particularmente no âmbito de três cursos de graduação do Campus Senhor do Bonfim da Universidade Federal do Vale



do São Francisco (Bacharelado em Ecologia, Licenciatura em Ciências da Natureza e Licenciatura em Geografia). Compreendendo que o percurso conceitual de vulnerabilidade, bem como as inter-relações que compõem a complexidade social indicam práticas que vão de encontro à hegemonia dos corpos, este texto problematiza como a interseccionalidade se apresenta como um marcador que incide sob a formação da identidade da pessoa LGBTI+. Neste contexto, torna-se fundamental considerar que a opressão e as sobreposições das desigualdades sociais penetram a sociedade e os meios educacionais, estabelecendo práticas que inibem o exercício livre da identidade de gênero e sexual.

Na busca por caminhos que indiquem a ampliação da diversidade e possibilitem o acolhimento fundamentado, as problematizações possibilitadas a partir desta pesquisa consistem em ampliar o debate acerca das questões de gênero, sexualidade, raça, etnia, classe social etc. Para Hirata (2014) é preciso um olhar atento sob a problemática da consubstancialidade, que, em termos de progresso e dinamismo social, articulam uma relação em que o sexo e a classe social são protagonistas desta intersecção, baseando, empiricamente, a não hierarquização das formas de opressão.

Nesta pesquisa, adota-se o conceito de interseccionalidade conforme Collins (2017), que a compreende como uma estrutura que vai além do simples reconhecimento das múltiplas opressões, como aquelas baseadas em gênero, classe, raça/etnia, idade, deficiência e sexualidade. Em vez de se limitar à soma de dominações ou à justaposição de identidades e diferenças, a interseccionalidade permite uma abordagem rizomática e integrada, favorecendo uma análise transdisciplinar da complexidade das identidades e desigualdades sociais.

Collins (2017), tal como Bilge (2018) são categóricas ao ilustrar o ímpeto interseccional, ao destacar a solidariedade política e a luta por liberdade como mecanismos essenciais para compreensão das desigualdades sociais, seja do ponto de vista estrutural, que direciona esta lógica às dimensões simbólicas do discurso, ou mesmo no sentido da contribuição da justiça social, favorecendo, eminentemente a identificação de questões e conceitos que são importantes para o desenvolvimento da sociedade e, portanto, versem sobre a inclusão da diversidade sem quaisquer distinções.



Para tanto, entender os sentidos da interseccionalidade é vital para construção de discursos, principalmente quando observamos a perspectiva intervencional da política, em que a ideia de expressar e articular questões vitais para o progresso social são, sempiternamente, terceirizadas aos anseios tradicionais, ignorando em muitos casos a pluralidade e as formas de inclusão. Esta é, portanto, a realidade contemporânea em que muitos dos que se intitulam “cidadãos de bem” tentam levar adiante, esquecendo, talvez por falta de compromisso com a diversidade, que vivemos em uma sociedade em que, sob a lógica constitucional, somos todos/as iguais e, mesmo assim, continuam a fomentar a segregação como condição social, mantendo a noção equivocada da dicotomia de gênero, que por sua vez, leva-nos, como cidadãos/ãs, de volta aos retrocessos que predominaram continuamente na história da humanidade. A este respeito, Silveira & Nardi (2014) destacam que,

A interseccionalidade entre gênero, raça e etnia nas situações de violência contra as mulheres nas relações de intimidade é um campo atravessado por relações de dominação, as quais se encontram num momento importante de tensionamentos, mas que ainda são marcadas por muita desigualdade e opressão. Assim sendo, trabalhamos com o conceito de interseccionalidade, priorizando a experiência na forma como as pessoas vão constituindo-se no jogo de forças a que estão expostas (Silveira & Nardi, 2014, p. 3).

Ou, segundo o pensamento de Rios, Perez & Ricoldi (2018, p. 8),

A interseccionalidade impulsiona a diversificação temática no interior dos coletivos que, diante da constatação de que as desigualdades têm relação com diversos marcadores sociais, acabam adotando tais discussões nas suas lutas cotidianas.

A democracia permite e aceita o diferente, as contradições e os pensamentos plurais que são reiteradamente disseminados na sociedade, porém, não há de permitir rompantes discriminatórios e segregacionistas que objetivam, sempre que possível, tratar determinados cidadãos e grupos minoritários como indignos de viver livremente por sua condição, gênero ou sexualidade. Não se pode naturalizar o preconceito e a falta de humanidade.

Observa-se que periodicamente surge na sociedade a necessidade de revisitar suas próprias definições, legitimando o cenário progressista que evidencia a defesa constante dos valores



fundamentais e a luta pela superação das desigualdades. O conceito de progressismo está quase sempre vinculado aos atores ideológicos que prezam pela recuperação dos espaços institucionais, assim como melhores condições para que possamos, como cidadãos/ãs, avançar quanto a transformação social, ampliando os direitos sociais e igualdade no que concerne à realidade dos direitos políticos, sociais, de desenvolvimento, entre outros.

As tensões apontadas anteriormente reforçam a necessidade de ampliar as reflexões do setor progressista, uma vez que o conservadorismo defende e prioriza a permanência do *status quo*, o que muitas vezes indica a manutenção de concepções anacrônicas de mundo, o que pode dialogar com o preconceito. Tal constatação evidencia que a retórica funcional da política liberal-conservadora, além de causar retrocessos em diferentes cenários na sociedade, impossibilita a construção de mecanismos que objetivem lutar pela igualdade e justiça social (Fuser, 2018; Muscolino, 2023; Pasquino, 2024).

Para Loureiro (2023, p. 8), “as identidades interseccionais facilitam a definição dos grupos de indivíduos mais vulneráveis”, ou seja, aqueles que precisam de um olhar mais atento e responsável do Estado, pois, dado o discurso de exclusão e aplicação cega da desigualdade, a sociedade se torna refém dos mecanismos dicotômicos e da hierarquia social mais antiquada, não permitindo que haja, mesmo sob avanços e melhorias sociais, uma justa e célere igualdade dos parâmetros individuais de todos os sujeitos na sociedade. É necessária uma revolução de ideias, juntamente com o apoio de grande parte da sociedade para que, mesmo sob tamanhas dificuldades, consiga-se a efetivação concreta de melhorias e avanços significativos. Não se deve normalizar o obscurantismo que rodeia a pluralidade e a diversidade; a subjetividade, dimensão fundamental para construção da realidade, precisa ser levada em consideração para a emergência de um mundo plural que respeite o outro em sua totalidade, reforçando a alteridade como condição fundamental da vida coletiva.

Pensando na importância da interseccionalidade na construção social do indivíduo, o presente trabalho objetivou estudar as interseccionalidades sofridas pelas pessoas LGBTI+ no âmbito da comunidade acadêmica, especificamente no contexto do campus Senhor do Bonfim da Universidade Federal do Vale do São Francisco, a fim de identificar as narrativas mais frequentemente utilizadas, mostrando a similaridade, a convergência e possíveis contradições do



discurso dos/das discentes entrevistados/das. Buscou-se analisar os dados coletados sob a perspectiva dos parâmetros da interseccionalidade na sociedade.

Percurso Metodológico

Este estudo adota uma perspectiva qualitativa descritiva, recorrendo a realização de entrevistas narrativas, gravadas, em função da possibilidade da entrevista em registrar detalhadamente as percepções, experiências e os possíveis obstáculos enfrentados por sujeitos membros da Comunidade LGBTI+ entrevistados. Este método, segundo Neves (1996), objetiva compreender e interpretar fenômenos, seja a partir de significados, ou de contextos presentes na produção de conhecimento. Ele é fundamental para examinar as interações e as experiências individuais dos sujeitos que participam da pesquisa.

O estudo utilizou a técnica de entrevista individual semiestruturada, que segundo Gil (2008, p. 119) combina perguntas previamente definidas com a possibilidade de explorar aspectos inesperados que possam surgir no decorrer da entrevista, permitindo ao entrevistador se adaptar às respostas do entrevistado sem perder de vista os objetivos da pesquisa.

As entrevistas seguiram um formato aberto com tópicos definidos, mas com a possibilidade de explorar as experiências vividas e narradas pelo entrevistado. Elaborou-se um roteiro semiestruturado com questões ligadas à interseccionalidade, que considerou aspectos desde a vida pessoal até as interfaces sociais dos entrevistados em relação ao ambiente acadêmico o qual participam, abrangendo a dificuldade de aceitação, problemas com a identidade de gênero e sexualidade, violências no âmbito acadêmico-social, visibilidade, responsabilidade de educar etc. O que pode ser conferido no quadro 1.

A seleção dos participantes deste estudo foi realizada a partir de indicações feitas pelos próprios discentes e docentes da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), campus Senhor do Bonfim, BA. O campus conta com cinco cursos, sendo: Bacharelado em Ecologia (ECO), Licenciatura em Ciências da Natureza (CN), Licenciatura em Geografia (GEO), Bacharelado em Geologia (GEOL) e Licenciatura em História (HIS). No momento da realização das entrevistas os cursos de Geologia e História ainda não tinham turmas formadas, por isso os alunos desses



cursos não aparecerão nesta pesquisa. O número de entrevistados variou entre os três cursos pesquisados, como observado abaixo no quadro 2.

As entrevistas foram realizadas individualmente com cada participante de forma presencial, em ambiente sigiloso para garantir a confidencialidade necessária para que os entrevistados se sentissem confortáveis e acolhidos. Todas as entrevistas foram gravadas em áudio e duraram em média 10 minutos. Em seguida, todas as falas foram transcritas na íntegra para fins de análise.

Quadro 1

Total de perguntas realizadas

Roteiro de entrevista
1. Você tem ou teve dificuldade de se identificar como uma pessoa LGBT+?
2. Na sua casa há problemas com a aceitação da sua identidade de gênero e/ou sexualidade? Se sim, poderia explicar como lida com a situação?
3. Houve dificuldade em assumir publicamente sua identidade de gênero e/ou sexualidade no ambiente da Universidade? Como você se sente ao afirmar quem você é neste espaço acadêmico?
4. Como membro da comunidade LGBT+ na Universidade, você se sente acolhido? Você se sente seguro para se expressar como pessoa LGBT+ na Universidade?
5. Você já sofreu algum tipo de violência, seja física ou verbal dentro da Universidade? Se sim, poderia nos relatar?
6. Existe visibilidade para pessoas LGBT+ na Universidade?
7. Como você descreveria a cultura e o ambiente em relação às questões de gênero e sexualidade dentro da Universidade?
8. De que maneira a diversidade de gênero e sexualidade enriquece o ambiente acadêmico no ensino superior?
9. Você acredita que a formação de grupos e organizações estudantis voltadas para questões de gênero e sexualidade é importante? Por quê?
10. Até que ponto as Universidades têm a responsabilidade de educar os estudantes sobre questões de gênero e sexualidade, além do currículo acadêmico formal?
11. Você teria sugestões de como melhorar o ambiente da Universidade em relação a aceitação da diversidade humana?
12. Você acredita que seu curso trabalha questões de gênero e identidade?



Partindo do ponto de vista da caracterização das pessoas participantes da pesquisa, elas foram inquiridas sobre o curso de graduação e semestre que estão realizando, bem como gênero, sexualidade e idade, estas informações são importantes para que possamos compreender a forma com a qual o sujeito se identifica e, neste caso, levando em consideração o percurso acadêmico que está sendo realizado. O roteiro de entrevista foi respondido por um total de 16 pessoas.

Quadro 2

Identificação dos sujeitos que compõe a pesquisa

Sujeitos	Curso	Semestre	Gênero	Sexualidade	Idade
Sujeito 1	CN	8º	Masculino	Gay	25
Sujeito 2	CN	4º	Masculino	Gay	22
Sujeito3	CN	2º	Masculino	Transexual	22
Sujeito 4	GEO	4º	Masculino	Gay	21
Sujeito 5	GEO	8º	Masculino	Gay	22
Sujeito 6	CN	8º	Feminino	Bissexual	27
Sujeito 7	GEO	8º	Masculino	Gay	23
Sujeito 8	GEO	8º	Masculino	Gay	21
Sujeito 9	CN	8º	Masculino	Bissexual	24
Sujeito 10	GEO	4º	Masculino	Gay	24
Sujeito 11	CN	7º	Masculino	Bissexual	23
Sujeito 12	ECO	4º	Feminino	Lésbica	20
Sujeito 13	ECO	4º	Masculino	Gay	20
Sujeito 14	CN	8º	Feminino	Bissexual	36
Sujeito 15	CN	8º	Não binário	Gay	38
Sujeito 16	CN	8º	Feminino	Bissexual	21

Análise de Conteúdo e Categorias Desenvolvidas

Para a análise dos dados foi utilizada a Análise de Conteúdo (AC), que segundo Bardin (1977), configura-se como sendo um conjunto de técnicas que visam obter, mediante os objetivos de descrição do conteúdo, alguns indicadores, não importando se são qualitativos ou quantitativos, permitindo assim, a inferência de conhecimento, sobretudo quando mencionado às condições de produção.

Este método de análise, elaborado por Bardin (1977), possui três fases principais, iniciando-se pelo estabelecimento da unidade de análise, que como destaca Ander-Egg (1978), refere-se ao



elemento básico da análise, seja relativo as expressões de busca, demonstrando viabilidade ao procurar o material que será analisado, ou a compreensão de determinados assuntos, levando em consideração a lógica referente ao objetivo do estudo. Além disso, nesta fase é feito o processo de pré-análise, explorando o material disponível.

No segundo momento foram determinadas as categorias de análise, que segundo Bardin (1977), são parte crucial para seleção e classificação dos dados. Cada categoria é construída depois de realizados os agrupamentos das temáticas que apresentam similaridade. As categorias foram estruturadas em dois blocos, permitindo assim, analisar o material sob duas óticas diferentes.

Para a definição do *corpus* analítico, foi estabelecida uma amostra do material de análise. Esta etapa, além de criteriosa é vista como essencial do ponto de vista metodológico, e em razão disso são estipulados alguns critérios, que, em suma, foram cruciais para filtragem e definição deste material.

Após definidas as perguntas, e tendo acesso às respostas e à identificação dos sujeitos desta pesquisa, organizou-se as narrativas usando os processos da AC. No primeiro momento, estabeleceu-se as unidades a serem analisadas e em seguida definiu-se as categorias de análise a fim de subsidiar a seleção e a classificação dos dados. Chegou-se a duas categorias de análise, sendo: preconceito e reconhecimento interseccional, que foram fundamentais para agrupar o material por seus semelhantes durante a análise, apontando diferentes perspectivas e variações no discurso. Por fim, foi definido o *corpus* analítico mediante as narrativas e os contextos socioeducacionais vivenciados pelos sujeitos.

Entre o Preconceito e a Construção do Reconhecimento Interseccional

Inicialmente, é preciso destacar, em correlação ao que foi observado no quadro 2, que há a existência de grande variação no que concerne à identificação dos sujeitos que participam desta pesquisa. Não é possível constatar um padrão linear, mas é possível algumas constatações, seja quanto ao maior percentual dos participantes por curso, tendo o curso de Ciências da Natureza (CN) a representação de 9 dos 16 sujeitos, o que dá, aproximadamente, 56, 25% dos participantes, o mesmo acontece com os sujeitos do sexo masculino, que representam, 11 dos 16 sujeitos, o que



dá, aproximadamente, 68,75% dos participantes. Portanto, ambas as porcentagens representam mais da metade dos sujeitos. Diante disto, é possível inferir que, este não é um *corpus* sequenciado, linear ou igualitário, mas sim, um *corpus* plural, dada a variação em outros aspectos, como a sexualidade e a idade dos sujeitos, o que é excelente para verificarmos, a posteriori, os mecanismos sociais e as práticas da diversidade no contexto de cada um.

Na categoria preconceito foram destacadas condutas que versam sobre as formas de discriminação e falta de inclusão, sobretudo no que concerne a representatividade social, que neste caso, se dá a partir de perspectivas individuais, compostas por elementos da vida pessoal e da vida acadêmica dos entrevistados. A discriminação e as nuances que representam o preconceito, prejudicam a pluralidade. A igualdade não é apenas um direito constitucional, mas uma forte inspiração para concretização de valores como equidade e justiça social, beneficiando, as relações sociais.

Em contrapartida, na categoria reconhecimento interseccional, destaca-se o respeito como cerne dos parâmetros igualitários, reconhecendo a interseccionalidade como essencial para a pluralidade e efetivação de uma sociedade mais justa e igualitária, sendo possível, sob esta ótica, expressar a sexualidade, bem como as várias formas de identidade de gênero, sem medo de retaliação ou de sofrer algum tipo de desconforto ou preconceito. Deste modo, é possível garantir a ampliação significativa da diversidade humana e a amplitude nas dimensões representativas. Para categorização desta pesquisa, o respeito à diversidade e a garantia das relações interpessoais são basilares para o desenvolvimento do cenário educacional e reconhecimento da interseccionalidade, possibilitando identificar através das narrativas dos entrevistados as múltiplas tensões que permeiam a vida acadêmica desses estudantes.

Numa sociedade em que historicamente a diversidade não é considerada como um princípio de validação social, a liberdade aparece quase como um eufemismo. As práticas que diferem dos mecanismos heterossexuais, dicotômicos e plurais, que sustentam o atraso da diversidade, foram consideradas por muito tempo como impróprios e condenáveis (Nascimento, 2009). É possível ainda que, como indivíduos discriminados, violentados e muitas vezes sem direitos efetivos, possamos entender as esferas que centralizam esta discussão, seja na esfera política, científica e/ou humana,



evidenciando, sempre, as representações que não são compreendidas e que geram as formas de preconceito.

A contramão da reprodução de valores traz à tona o paralelo entre as identidades dos sujeitos e a sexualidade humana, e neste sentido, ambas precisam se distanciar dos aprisionamentos da heteronormatividade, uma vez que a estigmatização da desigualdade e da exclusão social emergem diante do indivíduo, expandido a equivalência dos direitos sociais e, colidindo de forma brutal com o heterossexismo e a defesa da dignidade humana. A este respeito, Leão & Lando (2014, p. 3) destacam que,

[...] o modus operandi do apagamento forçado da identidade das minorias ressalta o estado patológico de uma sociedade democrática que não valoriza a liberdade individual. Na sociedade brasileira, há uma clara necessidade de subjugar o outro para se tornar superior, levando à formação de uma comunidade desigual e injusta, que apesar de todas as formas de tentar mitigar a situação, ainda são vistos cotidianamente vários exemplos de preconceito. Esse processo não se restringe e está permeado em basicamente todos os locais da sociedade, incluindo as unidades de ensino superior.

Como explicado por Leão & Lando (2014), muitas são as limitações e preconceitos que cercam as minorias sociais. Em todo caso, é possível constatar, ainda nos dias de hoje, uma postura distorcida e desumanizada dos papéis inclusivos na sociedade, bem como o aumento do preconceito e, de certa forma, o reforço deste. No quadro 3, a seguir, é possível observar as vertentes que predominam e sustentam esta realidade.

Quadro 3

Narrativas da categoria preconceito

Sujeito 2	“Venho de uma família com vertentes religiosas, sendo a grande maioria homens héteros e homofóbicos. Então isso foi sempre uma grande dificuldade para eu reconhecer a pessoa que eu sou, ou que eu achava que era, ou que poderia me tornar. Pelo menos no que é referente à minha família, mas isso, com o tempo, foi um pouco desconstruído da parte deles. Acredito que eu sou mais aceito, embora eu não me importe tanto com a aceitação, mas sim com o respeito e somente.”
Sujeito 2	“Hoje não tenho tantos problemas com aceitação dentro de casa, mas já tive muitos. Eu acredito que quando a minha mãe chegou a descobrir, descobrir assim, entre aspas, pois acredito que as mães sempre sabem, é um certo baque, mas quando veio à tona de fato que o único filho dela era gay, veio uma sensação de decepção e nojo, sobretudo pelas coisas que ela me falou, como por exemplo eu ser uma abominação. Então, foi muito difícil de início, porque é uma pessoa que eu pensava que nunca teria tanto problema, embora sempre ter tido falas, de certa forma, homofóbicas, com



	questões diversas, com pessoas fora da família, acabou se tornando um problema. Mas hoje, eu posso dizer que é tranquilo, temos uma boa relação, não tocamos tanto em questões de gênero e sexualidade, tanto minha como de outras pessoas, mas, hoje está bem tranquilo, a gente se respeita, a gente se acolhe, a gente conversa mais sobre coisa que era impossível cinco anos atrás.”
Sujeito 2	“É sempre necessário estar reforçando as questões de educação sexual. Porque mesmo que aqui seja um ambiente que na grande maioria lida com pessoas adultas, sempre tem uma questão ou outra, alguém que solta uma piada. Eu nunca presenciei comigo, mas já presenciei com outras pessoas, até mesmo com recém professor daqui. Então, acho que é sempre necessário estar enfatizando o problema desse tipo de atitude e a necessidade de não ter esse tipo de atitude dentro do âmbito da Universidade.”
Sujeito 3	“No quesito violência, só tipo, na parte em que alguns colegas fazem algumas brincadeiras com caráter homofóbico, acho sem graça, mas também não me importa.”
Sujeito 4	“No início existiam algumas rejeições [dentro de casa], por ser uma família um pouco reservada e tudo mais, mas depois eles aceitaram de boa, porém, não sofri nenhum tipo de homofobia dentro da minha casa” (destaque dos autores).
Sujeito 6	“Da parte da minha mãe não houve problemas quanto a aceitação. Mas meu pai não gosta muito da ideia. O principal problema é ele e a questão dos meus avós, porque eu moro com todo mundo perto, então meus avós e meus tios, principalmente os homens, são mais preconceituosos. Mas como a minha mãe é de boa e é minha base ali, me sinto bem e não me importo com os demais comentários.”
Sujeito 6	“Não me sinto segura aqui na Universidade. Inclusive porque já tive aula em salas em que tinham pessoas muito homofóbicas, muito preconceituosas. Então, assim, eu acho que é por isso mesmo que nem todo mundo sabe da minha sexualidade. Quem sabe é quem está mais perto de mim mesmo.”
Sujeito 6	“Diretamente, nunca senti nenhum tipo de violência. Mas, como eu disse, existem alunos em uma sala específica que toda vez que ele [colega] abria a boca, era para falar frases homofóbicas. Ele falou uma vez, eu lembro disso até hoje, era aula do professor Xxxxx*, e ele falou na sala que, mulher com mulher e homem com homem não dá certo porque isso ia acabar fazendo com que a espécie humana se extinguisse . Olha o absurdo, o pensamento atrasado, aquilo me feriu profundamente, então eu me senti muito incomodada” (destaque dos autores).
Sujeito 7	“Houve sim e ainda continua havendo [problemas com a sexualidade dentro de casa]. Eu tento entender o tempo da minha família, que tem essa dificuldade, mas eu também fico chateado em algumas questões, porque a gente cresceu lá com a presença dos pais. No caso, eu cresci com a presença de meus pais. Eles sabem de tudo que eu já fiz, que eu batalhei e tudo mais, e só por uma questão de você gostar de uma pessoa, que é do mesmo sexo que você, as coisas mudam do nada. Então, a gente fica chateado também, mas eu tento compreender, teve um momento de muita raiva que eu tive também, mas agora eu tô tentando ir por outros caminhos também.”
Sujeito 10	“Esta dificuldade veio a partir de um certo preconceito da minha própria parte, porque eu cresci com aquele pensamento de que você só era gay se você gostasse de roupas femininas, se você fosse afeminado ou se gostasse de maquiagem, o que com o tempo descobrir que não era bem assim. E como eu não gostava dessas coisas, ficava uma confusão na minha cabeça, se eu era ou não, gay.”



Sujeito 11	“É uma questão que é meio que um tabu, de certa forma. Não vou dizer que aceitam, mas que respeitam. E eu fico feliz, pelo menos sou respeitado. Muita gente não tem nem isso, e sofrem preconceito diariamente, né?”
Sujeito 13	No começo sim, tive dificuldade em me identificar como pessoa LGBTI+, sobretudo porque cresci num ambiente de igreja, minha mãe é evangélica, então no começo ela não aceitava muito bem a ideia. E tem a questão do preconceito e tudo mais, né?
Sujeito 13	“Talvez aqui dentro da Universidade eu não me sinta tão seguro, porque eu já ouvi algumas piadas homofóbicas por parte de alguns colegas, e já me contaram sobre outros colegas da faculdade que também agem dessa forma com os membros da comunidade, então, talvez não seguro, mas em parte aceito.”
Sujeito 14	“Eu acho que a Universidade tem que educar o ser humano para a vida. É difícil de conseguir? Sim! Mas é necessário esse preparo. Nós temos muitas diferenças e cabe ao outro respeitar, o respeito é o básico que merecemos. Veja, se trouxermos para a realidade acadêmica, algumas dinâmicas voltadas para esse lado, você vai colocando essas preocupações na realidade das pessoas, é o que falta aqui na Universidade. Seja discutindo ou evidenciando o que o outro passa, ora pelo preconceito, ora pela discriminação. Muita gente acha essas coisas uma besteira.”
Sujeito 15	“Eu não me sinto totalmente acolhido, mas me sinto seguro para me expressar.”
Sujeito 15	“Não sinto que exista uma visibilidade, não. Existe uma tolerância, acho que por conta de ser um ambiente educacional.”
Sujeito 16	“Tive muita dificuldade em me aceitar, principalmente durante a minha adolescência, porque teve aquelas questões de eu ter crescido em uma família muito rígida. E eu ter sido iniciada na fé católica, então, essas questões moldaram a minha visão sobre a sexualidade. E eu achava uma coisa assim, tipo, de outro mundo. Eu falava, claro que eu não sou.”
Sujeito 16	“Percebo que na minha casa há problemas com aceitação, no entanto, meus pais não sabem de mim.”

*Nome ocultado pelos autores para garantir a não exposição de sujeitos.

Para Fernandes (2024) a institucionalização estrutural e cultural do preconceito está inserida no modelo de discriminação, que de forma contínua, opõe-se às demandas que objetivam garantir medidas constitucionais favoráveis aos grupos minoritários em sociedade, fazendo com que a motivação homofóbica siga perpetuando retrocessos e estigmas, principalmente para comunidade LGBTI+. O preconceito está intrinsecamente relacionado as compreensões parciais da diversidade, o que compõe e sustenta as ideologias de cunho social, trazendo a ideia de que a heterossexualidade é o padrão aceitável a ser seguido. Este tipo de pensamento, conduz a humanidade a um padrão de comportamento que pode distanciar a igualdade e a expressão de liberdade dos gêneros existentes.

O avanço do preconceito diante da sociedade revela fraturas no processo de produção da humanidade. A propagação do ódio e da discriminação são práticas inaceitáveis e precisam, com veemência, ser repreendidos, não há espaço para indiferença na sociedade, somos detentores dos



mesmos direitos e cabe aos poderes que regem a democracia (executivo, legislativo e judiciário), fazer valer as prerrogativas de equidade e justiça social.

O sujeito 2 evidencia o tratamento discriminatório em um ambiente que deveria ser base de sustentação de qualquer indivíduo, sua casa, ele destaca que, vem

[...] de uma família com vertentes religiosas, sendo a grande maioria homens héteros e homofóbicos. Então isso foi sempre uma grande dificuldade para eu reconhecer a pessoa que eu sou, ou que eu achava que era, ou que poderia me tornar. Pelo menos no que é referente à minha família, mas isso, com o tempo, foi um pouco desconstruído da parte deles. Acredito que eu sou mais aceito, embora eu não me importe tanto com a aceitação, mas sim com o respeito e somente.

A homofobia está sempre atrelada a casos de desconsideração e falta de humanidade. Em casos como o descrito pelo sujeito 2, é imperativo destacar o paradoxo que sustenta os mecanismos de ódio e a falta de equidade. Como já apontado anteriormente, o preconceito pode ser visto como um sistema de legitimação de poder, em que o indivíduo, que, inadvertidamente passa por estas situações, marca suas trajetórias e se torna refém da opressão. É preciso barrar a manutenção das hierarquias que legitimam a inferiorização social.

Torelli, Bessa & Graff (2023) pontuam que a sociedade fez com que o preconceito enraizasse toda a opressão e as medidas discriminatórias que causam retrocessos e são fundamentais para evidenciar as ideias preconceituosas na sociedade, sobretudo no que concerne à comunidade LGBTI+, e neste sentido, tanto o preconceito quanto a discriminação são ações intolerante e hostis, que devem, para o bem comum, serem eliminados do debate público.

O sujeito 4, vai na mesma lógica do sujeito 2, destacando que, dentro de casa, no início “[...] existiam algumas rejeições, por ser uma família um pouco reservada e tudo mais, mas depois eles aceitaram de boa, porém, não sofri nenhum tipo de homofobia dentro da minha casa”, esta narrativa é importante de ser analisada por duas vertentes, a primeira é que, ao afirmar as rejeições, ele narra, posteriormente, que não sofreu nenhum tipo de homofobia, e neste sentido, para o bem do debate, levantamos o seguinte questionamento: não seria a rejeição uma atitude homofóbica? A partir do momento em que alguém passa a te tratar de forma diferente, ou como afirmado pelo sujeito, rejeitando, tudo leva a crer que devido a sua orientação sexual, não seria um ato de homofobia?



Esta questão traz à tona a constatação de que o ambiente familiar pode ser produtor de violência, deixando como lição que não é possível normalizar questões que são inaceitáveis e fogem da linha do respeito, é preciso contestar e repudiar qualquer que seja o tipo de opressão e desrespeito.

O ambiente universitário em alguma medida reflete as tensões sociais, o que pode ser percebido ao analisar a narrativa do sujeito 6 quando destaca:

Diretamente, nunca senti nenhum tipo de violência. Mas, como eu disse, existem alunos em uma sala específica que toda vez que ele [colega] abria a boca, era para falar frases homofóbicas. Ele falou uma vez, eu lembro disso até hoje, era aula do professor Xxxxx, e ele falou na sala que, mulher com mulher e homem com homem não dá certo porque isso ia acabar fazendo com que a espécie humana se extinguisse. Olha o absurdo, o pensamento atrasado, aquilo me feriu profundamente, então eu me senti muito incomodada (destaque dos autores).

Esta é uma narrativa importante, pois destaca que os homofóbicos não mais se escondem, não mais destilam ódio secretamente, eles fazem isso em público e no meio de todos. Chega ser assustador este tipo de comportamento, esta falta de humanidade e o tipo de pensamento que as pessoas podem ter. São condutas como esta que não devem ser toleradas ou vistas como brincadeiras, é necessário agir, e sempre que possível, denunciar. Pessoas assim, com este tipo de pensamento, precisam sentar-se no banco dos réus e responder pelo que falam, homofobia é crime e tem que ser combatida. Talvez, por este motivo, pessoas como o sujeito 13 pontuem que

[...] aqui dentro da Universidade eu não me sinto tão seguro, porque eu já ouvi algumas piadas homofóbicas por parte de alguns colegas, e já me contaram sobre outros colegas da faculdade que também agem dessa forma com os membros da comunidade, então, talvez não seguro, mas em parte aceito.

Em sociedades democráticas, legitimar práticas preconceituosas configura uma afronta grave ao estabelecimento da ordem e a manutenção do princípio de justiça. É importante que todos percebam que existem consequências para determinadas atitudes, e que episódios de preconceitos e/ ou violência homofóbica não são aceitáveis, notadamente ao que se impõe como noção de igualdade e justiça social.



Para o sujeito 14,

[...] a Universidade tem que educar o ser humano para a vida. É difícil de conseguir? Sim! Mas é necessário esse preparo. Nós temos muitas diferenças e cabe ao outro respeitar, o respeito é o básico que merecemos. Veja, se trouxermos para a realidade acadêmica, algumas dinâmicas voltadas para esse lado, você vai colocando essas preocupações na realidade das pessoas, é o que falta aqui na Universidade. Seja discutindo ou evidenciando o que o outro passa, ora pelo preconceito, ora pela discriminação. Muita gente acha essas coisas uma besteira.

Na linha do que problematiza o sujeito 14, é possível compreender que os mecanismos do preconceito e da discriminação, no âmbito do ensino superior, podem ser definidos mediante a compreensão da distinção e das inter-relações de conceitos, que são, na sua maioria marcadores importantes para efetivação da igualdade, podendo destacar a pluralidade de gêneros e sexualidades, que mesmo diante de tamanha representação, esbarram, mesmo que indiretamente, em conflitos internos e sociais, principalmente quando pontuado estas questões interseccionais de forma ampla e sem subjetivações, deixando evidente a apropriação de estereótipos.

Ainda é possível destacar, analisando em paralelo a narrativa do sujeito 14 com a do sujeito 15, que o ambiente universitário carece de uma construção mais equânime quando se trata da visibilidade de pessoas LGBTI+. Mesmo com todos os esforços em diminuir o preconceito e dar representatividade a essas pessoas, o ambiente acadêmico ainda reproduz visões estereotipadas. De acordo com o sujeito 15: “não sinto que exista uma visibilidade, não. Existe uma tolerância, acho que por conta de ser um ambiente educacional”. As narrativas dos sujeitos 14 e 15 se complementam, seja no que concerne à busca incessante do respeito, ou no que tange a tolerância da aceitação por se tratar de um ambiente educacional, evidenciando que, mesmo não havendo uma plena visibilidade, como constata o sujeito 15, é imperativo ter como fundamento as preocupações que evidenciam a realidade, como descreveu o sujeito 14, destacando questões fundamentais, como o preconceito e a discriminação latente, que versam, muitas vezes sob a perspectiva educacional do ensino superior.

As questões interseccionais, sob o entendimento das relações sociais, seguem solidificando o reconhecimento das práticas discriminatórias, destacando perspectivas das normas opressivas que são caras e ajudam na difusão do preconceito. Os reflexos advindos desta temática



representam a compreensão da pluralidade, considerando as identidades, os gêneros e as sexualidades como formas de representação, uma vez que este discurso, juntamente com a lógica do padrão social, deu-se através das várias opressões sofridas por indivíduos na sociedade (Fuser, 2018).

Não por acaso, a diversidade, em sua síntese, é sempre voltada aos parâmetros de articulação sob os critérios discriminatórios, isto porque, a desatenção para a interseccionalidade tem um preço muito alto, principalmente se levado em consideração o caráter processual da construção das identidades. A abordagem interseccional recusa a obtenção subjetiva de estereótipos, que além de trazer distorções e invisibilidades, prejudicam a construção de uma sociedade que seja mais justa, igualitária e com plena justiça social.

A seguir, serão identificadas as narrativas que foram categorizadas a partir do reconhecimento interseccional (Quadro 4). Será possível perceber uma variedade de abordagens, de um lado, o espaço da universidade aparece como portador de signos de inclusão, respeito e acolhimento da diversidade. Por outro lado, para algumas pessoas, a universidade poderia promover mais eventos acadêmicos de discussão da realidade LGBTI+, a fim de auxiliar a desconstrução dos preconceitos acerca da comunidade. Ao mesmo tempo, nas narrativas apresentadas no quadro 4, o ambiente familiar dos entrevistados aparece como lugar da reprodução do *status quo*, em que a heteronormatividade aparece como padrão de comportamento. A partir dessas tensões pontuadas anteriormente, identifica-se a centralidade do reconhecimento interseccional como elemento essencial para compreender os dilemas da pessoa LGBTI+ no ambiente universitário.

Quadro 4

Narrativas da categoria reconhecimento interseccional



Sujeito 1	“Na minha casa há respeito, porque em termos de aceitação, quem tem que me aceitar sou eu. Mas lá existe respeito. Todos respeitam a minha sexualidade. Não tenho problema com isso. Tive antes, por não me impor em relação à minha família, mas a partir do momento que eu me impus e expliquei pra eles a questão de orientação sexual como é que era, eles entenderam e respeitaram a minha orientação, não aceitaram. Quem tem que me aceitar só eu, não eles.”
Sujeito 1	“Por conta de que na época em que eu estava me descobrindo, não existiam muitas definições sobre como era classificada a comunidade em si. Então, meio que eu fiquei com dificuldade de me encaixar em algum lugar. Depois que eu fui procurar entender mais e me entender, foi aí que eu me encaixei e me entendi como pessoa e como homem gay.”
Sujeito 1	“Na Universidade eu não senti dificuldade porque eu já era assumido. Então, para mim, foi maravilhoso. Além disso, encontrei pessoas com a mesma sexualidade que a minha, pessoas livres. Na Universidade a gente tem um espaço mais aberto, não tem muito preconceito, e se tem é mais velado, e aí a gente quase não consegue perceber, mas quando percebe, já dá para tomar alguma medida. Eu, por exemplo, consegui conviver bem com as pessoas em relação à minha sexualidade. Não me senti ofendido nem oprimido em nenhum momento.”
Sujeito 1	“Eu acho que no quesito professores, eu vejo que a gente tem professores, poucos professores que são da comunidade, mas eles não se mostram muito, infelizmente, acho que falta muito isso da parte deles, para poder inspirar outros discentes a buscarem mais conhecimento e se tornarem também iguais.”
Sujeito 1	[...] “acho que a diversidade traz muito isso de experiências de vida, vários pontos de vista de vários lugares diferentes, lugares de fala, lugares de vivências, então essa diversidade vai além de algo unilateral, traz algo mais plural para sociedade.”
Sujeito 2	[...] “eu posso dizer que a Universidade foi o espaço mais acolhedor que eu já encontrei para poder expressar a minha orientação sexual ou me expressar sem nenhum problema em reconhecer que sou gay ou que não faço parte do meio hétero. A Universidade é esse tipo de lugar que acolhe tanto pelas questões plurais que estão envolvidas de políticas públicas e de sempre reforçar que aqui estamos livres para sermos quem são.”
Sujeito 2	[...] “visibilidade eu diria que sim, porque, como eu disse anteriormente, a Universidade é esse espaço que reforça através de, eu não diria tanto políticas públicas, porque não tem um ativismo, tanto da parte da instituição como dos membros da instituição, no quesito dissente. Mas tem sim uma visibilidade porque é o lugar que permite você ser quem você é, seja por identidade de gênero ou orientação sexual.”
Sujeito 3	“Eu acho a questão do ambiente acadêmico massa, por exemplo, em relação ao banheiro, sendo eles inclusivos.”
Sujeito 4	“Tive muita dificuldade em me identificar como uma pessoa LGBTI+, porque onde eu morava não tinha tanta referência. Eu morava no interior de Antônio Gonçalves, e para eu saber mais sobre o tema, a respeito do que era a diversidade, não era algo tão simples. Eu comecei a entender mais quando eu tinha uns 15 anos e fui morar em Campo Formoso, onde eu tive mais referências de pessoas LGBTI+”.
Sujeito 4	“Não tive dificuldade em assumir a minha sexualidade, até porque quando adentrei na Univasf, eu vi que tinha uma diversidade de pessoas LGBTI+, então não me senti restringido, muito pelo contrário, me senti acolhido. No entanto, eu acredito que deveria ter mais pautas a respeito da comunidade LGBTI+, no mais é isso, eu acredito que somos sim acolhidos aqui na Universidade”.



Sujeito 4	“Eu acredito que aqui há uma cultura muito grande das comunidades, sabe? Sobretudo gays e lésbicas, eu vejo bastante. Eu acho que não tem muita representatividade de outros que fazem parte da comunidade LGBTI+. Acredito que tenha, pela manhã, não sei, eu não frequento muito. Mas eu acredito que a cultura é mais voltada para os gays e para as lésbicas aqui pela parte da noite”.
Sujeito 5	“Na minha casa existia um pouco de repulsa devido à criação dos meus pais e etc. Mas acho que hoje em dia é levado tranquilamente.”
Sujeito 5	“Aqui na Universidade eu considero um local seguro, ao adentrar na Universidade eu percebi que existiam pessoas que se identificavam e tinham orgulho de serem da comunidade.”
Sujeito 5	“Eu acho que a educação em relação a essa comunidade é necessária, mas eu acho que ela não deve ser cobrada nesses ambientes. Eu acho que a questão do respeito, ela vem acima de tudo. Ninguém está aqui para educar ninguém, querendo ou não. Acho que a gente sabe que o ambiente é um ambiente amplo, ele é um ambiente que abraça todos, ou pelo menos deveria. Existe a questão do respeito, claro que existem também as questões de repreensão em relação àquelas pessoas que não têm a ética e a questão de aceitar o outro como o outro é.”
Sujeito 6	“No início sim, houve uma grande dificuldade em me identificar, principalmente em questão de religião, sabe? Depois que eu desistir da religião, foi mais fácil aceitar e me identificar” (destaque dos autores).
Sujeito 7	“Acho que a Universidade é um lugar que compreende as diversidades. Então não tive nenhuma dificuldade aqui.”
Sujeito 7	“Eu acho que é uma cultura que vem aceitando, compreendendo, acho que isso é muito importante, e eu falo também pelo corpo docente de geografia, eles têm essa visão de diversidade. Com relação ao corpo discente, já não vejo isso por todos os alunos.”
Sujeito 8	“Inicialmente, eu não sabia, nem tinha noção de quem eu era, eu acho que várias pessoas passaram e passam por isso. Na verdade, você se descobre ou você é forçado a se descobrir por outras pessoas. E aí, eu vivi essa realidade. Na infância sempre tem esse processo de você na escola, os seus coleguinhas que já pontuavam sobre algo, seu comportamento etc. Mas eu demorei. Demorei inicialmente, mas depois eu fui tirado de uma caixinha.”
Sujeito 8	“Para me expressar, não. Mas eu penso que a Universidade deveria ter mais espaços e um diálogo mais profícuo nesse sentido. Eu acho que os assuntos da Universidade não perpassam sobre essa temática. A gente teve ano passado aqui o encontro do Residência Pedagógica sobre a vivência da comunidade LGBTI+, que foi um evento importante nesse sentido, porque eu lembro que foi o primeiro evento com essa temática na Universidade. Você trazendo para a universidade pessoas da comunidade, você também instigando que os estudantes que por vezes não conseguem se identificar ainda possam tomar iniciativa, possam se sentir mais seguros. Mas eu penso que a Universidade poderia criar espaços, criar uma rede de reflexão sobre esta temática, porque eu vejo que em outras Universidades é normal ter grupos muito mais fortes de discussão sobre isso. Mas as políticas da Univasf ainda precisam ser potencializadas.”
Sujeito 8	“Eu penso que enriquece [a diversidade de gênero e sexualidade na Universidade] porque são pessoas que possuem uma realidade de mundo diferente, tem contexto de mundo diferente. Cada pessoa é atravessada por problemas diferentes. Se eu tenho uma travesti, se eu tenho um gay, são pessoas que vivenciaram histórias diferentes. E eu penso que esse encontro de diferenças é muito importante para o



	ambiente acadêmico e não só para o ambiente acadêmico, mas para a nossa sociedade, para a gente pensar em um projeto de país diferente, para a gente pensar em políticas diferentes, para a gente investigar como a comunidade vive. Então, se eu tenho um encontro da comunidade com outras pessoas atravessadas por outros problemas sociais, por raça, questão também de idade, se eu tenho pessoas idosas, se eu tenho pessoas que têm origem em lugares diferentes, eu também enriqueço o ambiente acadêmico. Então eu vejo que essas pessoas atravessadas por problemas diferentes enriquecem o nosso ambiente acadêmico, enriquecem a nossa sociedade e fazem a gente pensar em uma outra sociedade.”
Sujeito 9	“Acho que aqui na Universidade existe pouca visibilidade, muito precisamos avançar ainda.”
Sujeito 12	Até hoje eu tenho dificuldade em me aceitar. Eu cresci numa família cristã, eu cresci na igreja, então mesmo sabendo quem eu era, eu demorei muito para me aceitar. Eu tive muito a questão da homossexualidade compulsória, eu tentei me encaixar no mundo hétero, só que teve um momento que eu falei, não, não é isso, eu tenho que me aceitar, eu sou lésbica, e é isso.
Sujeito 12	“Não houve dificuldade em assumir publicamente. Tanto que, eu acho que não tem como as pessoas olharem para mim e não saberem que sou lésbica, e eu me sinto livre, podendo ser quem eu realmente sou, sem precisar me mascarar.”
Sujeito 12	“Para mim não deveria começar na Universidade esta questão de educar. É um trabalho de antes, começa na família. Então, eu acho que as pessoas deveriam chegar aqui já com essa consciência. Mas as pessoas que não conseguem chegar com essa consciência, eu acho que deveria sim ter essa educação aqui.”
Sujeito 13	“No começo, sim, porque ainda tenho um certo receio em me expor publicamente, eu nunca verbalizei isso muito bem. A faculdade era um lugar novo, com pessoas novas, então você fica pensando o que as pessoas vão achar de você. Então, no começo eu não queria que as pessoas achassem coisas de mim só por conta da sexualidade. Então eu não conversava sobre isso. Até hoje quase nunca verbalizo sobre esta questão.”
Sujeito 15	“Eu não tive dificuldade, porque quando eu contei para minha mãe, ela ficou um pouco chocada, ficou perplexa, mas depois foi encarando numa boa. Eu expliquei para ela as funções, expliquei que eu não iria mudar comportamento, que eu acho que era o temor maior dela, mas não tive, não, muitos problemas quando eu me assumi.”
Sujeito 15	“Eu não senti dificuldade alguma e eu me sinto muito confortável aqui. Não sinto que, pelo menos nunca senti que fui tratado diferente aqui. Principalmente pelas professoras, sempre um tratamento muito humanizado, sinto por parte das professoras do meu curso.”
Sujeito 15	“Eu ainda acho que a nossa comunidade ainda está muito solta, muito dispersa. No sentido de organização, até para saber o que exigir, como exigir temos certa dificuldade. Acho que a organização serve bastante para isso, para você saber o que pedir, se tem direito de pedir, como pedir etc. Quando existe uma coisa muito solta, fica difícil de sermos ouvidos. A organização é importante.”
Sujeito 15	“Me sinto seguro de expressar que sou uma pessoa não binária. E quanto ao acolhimento depende de quem são as pessoas, algumas pessoas da comunidade acolhem, ao mesmo tempo que também não, o mesmo acontece com as pessoas heterossexuais.”
Sujeito 16	“Eu não sou assumida, bissexual assumida, e poucas pessoas do meu círculo social têm conhecimento disso. Então, na Universidade, eu acredito que contigo são três pessoas que sabem.”



Sujeito 16 “Eu acho que falta um pouco de representatividade aqui na Universidade, mas a gente percebe que existem alguns movimentos já se formando aqui dentro, tentando dar uma visibilidade um pouco maior para as pessoas LGBTQ+. Mas ainda está assim, só no início mesmo.”

O respeito aparece como uma mediação central na construção da aceitação da sexualidade. Entretanto, algumas das pessoas entrevistadas reforçam que o respeito é uma construção que parte do indivíduo para a sociedade, denotando que a agenda pública, para ser afetiva, precisa ser construída em diálogo permanente com as pessoas que compõe as comunidades identitárias. Só assim será possível tentar superar as barreiras interseccionais que afastam a pessoa LGBTQ+ de uma sociabilidade plena, em que a aceitação não deveria ser uma condição para a realização da vida da pessoa LGBTQ+ na sociedade, uma vez que o “diferente” não precisa de autorização alheia para exercer aquilo que se é, quer seja no âmbito das relações pessoais, quer seja na composição do sistema normativo. Observemos as falas do sujeito 1:

[...] porque em termos de aceitação, quem tem que me aceitar sou eu. Lá existe respeito. Todos respeitam a minha sexualidade. Não tenho problema com isso. Tive antes, por não me impor em relação à minha família, mas a partir do momento que eu me impus e expliquei pra eles a questão de orientação sexual como é que era, eles entenderam e respeitaram a minha orientação, não aceitaram. Quem tem que me aceitar só eu, não eles (Sujeito 1, destaque dos autores).

Ainda neste sentido, ele narra que:

Na Universidade eu não senti dificuldade porque eu já era assumido. Então, para mim, foi maravilhoso. Além disso, encontrei pessoas com a mesma sexualidade que a minha, pessoas livres. Na Universidade a gente tem um espaço mais aberto, não tem muito preconceito, e se tem é mais velado, e aí a gente quase não consegue perceber, mas quando percebe, já dá para tomar alguma medida. Eu, por exemplo, consegui conviver bem com as pessoas em relação à minha sexualidade. Não me senti ofendido nem oprimido em nenhum momento (Sujeito 1).

Tais narrativas evidenciam o quão importante é a questão do respeito para construção de uma sociedade, sobretudo no que concerne à justiça social e os meios que versem sobre a equidade, possibilitando que, este, que é um direito basilar em democracias ao redor do globo, não fique apenas no mundo da teoria, mas que possa ser uma realidade. É demonstrado na norma legal a



valorização e os princípios de liberdade igualitária, fazendo com que a promoção dos direitos seja prevalecta e respeitada como demanda a Constituição Federal (1988) e a democracia.

Um fato a ser levado em consideração e que foi pontuado pelo sujeito 1 é a questão da aceitação, e para o bem da discussão, levantamos o seguinte questionamento: por que a aceitação é vista sempre com bons olhos? Se ela não passa de um poder intransigente que dá ao outro a anuência de ter que aceitá-lo para o bem da relação? Isso não parece ser algo aceitável, uma vez que o indivíduo não precise de aprovações de terceiros para se identificar ou mesmo ser visto na sociedade. Vivemos sob a demanda democrática que defende e preza pela diferença, não precisamos ser uma nação igualitária, linear em pensamentos e condutas, o que precisamos é de respeito e que os direitos já adquiridos, sejam, cada vez mais notáveis do ponto de vista social.

Para Machado et al. (2020) é preciso ver a representatividade sempre com bons olhos, principalmente quando observamos as instituições de ensino. O discente membro da comunidade LGBTI+ que ali se encontra, precisa saber que é respeitado e que possui as mesmas garantias que os/as alunos/as heterossexuais, não deve haver distinções, mas sim inclusões. Neste sentido, o sujeito 3, pontua achar “a questão do ambiente acadêmico massa, por exemplo, em relação ao banheiro, sendo eles inclusivos”. Esta narrativa descreve a importância da representatividade, juntamente com a dignidade da pessoa LGBTI+, por mais que seja direito do cidadão, muitos são impossibilitados de usar os banheiros por falta de inclusão e, em muitos casos, medo da reação do outro.

O comportamento social do indivíduo, muitas vezes é moldado pela personalidade, e esta realidade em determinados momentos pode causar confusões na identidade de gênero de alguns sujeitos, fazendo com que o entendimento das questões de gênero e sexualidade sejam pedras no caminho, dificultando, assim, a elucidação do que é ser/ viver como alguém livre. O trecho a seguir evidencia esta constante:

Inicialmente, eu não sabia, nem tinha noção de quem eu era, eu acho que várias pessoas passaram e passam por isso. Na verdade, você se descobre ou você é forçado a se descobrir por outras pessoas. E aí, eu vivi essa realidade. Na infância sempre tem esse processo de você na escola, os seus coleguinhas que já pontuavam sobre algo, seu comportamento etc. Mas eu demorei. Demorei inicialmente, mas depois eu fui tirado de uma caixinha (Sujeito 8).



De acordo com Ribeiro & Moraes (2019) a Universidade é o espaço adequado para discussões que versem sobre diferentes temas. A hierarquização deste espaço, não deve, por ocasião da lógica tradicional, ocultar a norma da diversidade e de suas relações, sejam pessoais, sociais ou políticas. Neste sentido, o sujeito 7 destaca que a Universidade “é um lugar que compreende as diversidades. Então não tive nenhuma dificuldade aqui”. No mesmo caminho segue a narrativa do sujeito 15, em que narra não ter sentido nenhuma dificuldade no ambiente da Universidade, e completa que: “me sinto muito confortável aqui. Não sinto que, pelo menos nunca senti que fui tratado diferente aqui. Principalmente pelas professoras, sempre um tratamento muito humanizado, sinto por parte das professoras do meu curso”.

Pensar a inclusão sob os parâmetros igualitários da diversidade é fundamental para a construção das relações, sobretudo quando a sexualidade humana é colocada à mercê de duas categorias, normalidade e anormalidade, que de forma muitas vezes irresponsável, centraliza o debate em torno do que é certo e/ou errado, o que do ponto de vista social reduz a discussão, não incluindo, portanto, questões que são caras para o progresso e desenvolvimento social, como os valores morais, religiosos, jurídicos e culturais da sociedade.

É sabido, que a compreensão da sexualidade se dá a partir das relações sociais, tendo, muitas vezes como paralelo os efeitos normalizadores, o que coloca os/as cidadãos/ãs e membros da comunidade LGBTI+ diante de um conjunto de regras construídas historicamente. Portanto, é preciso união, organização e manifestações que evidenciem a importância de, muitas vezes, seguir na contramão dos padrões impostos pela sociedade, pelas demandas patriarcais e pelo pensamento da cultura heteronormativa. O excerto a seguir destaca esta ideia, na qual o sujeito 15, diz:

Eu ainda acho que a nossa comunidade ainda está muito solta, muito dispersa. No sentido de organização, até para saber o que exigir, como exigir temos certa dificuldade. Acho que a organização serve bastante para isso, para você saber o que pedir, se tem direito de pedir, como pedir etc. Quando existe uma coisa muito solta, fica difícil de sermos ouvidos. A organização é importante.

Corroboramos com o que pensa o sujeito 16, ao dizer que:



Eu acho que falta um pouco de representatividade aqui na Universidade, mas a gente percebe que existem alguns movimentos já se formando aqui dentro, tentando dar uma visibilidade um pouco maior para as pessoas LGBTQ+. Mas ainda está assim, só no início mesmo.

Utopicamente, a Universidade não é apenas um local de formação, ela possui um papel que vai além de transmissão de pensamentos e da ideia de fazer com que seus discentes pensem criticamente sob o âmbito da sociedade. Sua relevância demanda de fatores que versem sobre responsabilidade e respeito, seja no que tange as identidades de gênero, ou à singularidade de cada sujeito, especialmente quando se fala da sexualidade.

O processo de democratização do ensino superior precisa ser efetivado mediante os parâmetros da inclusão, objetivando, cada vez mais políticas públicas que possibilitem ampliar o acesso a diversidade, fazendo com que os discentes saibam que são cidadãos detentores dos mesmos direitos e garantias constitucionais que todos os outros, não só na Universidade, mas na sociedade em geral, a lei vale para todos e, desta forma, os direitos também. Ribeiro & Morais (2019) são categóricos ao enfatizarem que [...] “é a partir da regulamentação do modelo ideal que se dá a existência de preconceitos que podem funcionar como barreiras no contexto universitário”, ou seja, precisamos, enquanto indivíduos que prezam pela democratização da equidade, colocarmo-nos a disposição para combater às desigualdades e os retrocessos ocasionados pela homofobia, que são, conseqüentemente causadas por aqueles que tentam subverter o padrão social da diversidade, não se deve normalizar este tipo de atitude numa democracia.

Considerações Finais

Diante do objetivo proposto para este estudo, apresentou-se uma discussão em que foi possível contextualizar a interseccionalidade sob diversos ângulos, principalmente no que tange o olhar atento da diversidade, trabalhando questões de gênero, sexualidade e a importância da inclusão e do respeito dentro dos meios institucionais de ensino, sobretudo no ensino superior, na qual esta pesquisa está direcionada.

A partir da discussão realizada, percebe-se que o cenário para pessoas LGBTQI+ no Brasil e nos meios educacionais, a exemplo do ensino superior, não é muito confortável, e a preocupação



muitas vezes está direcionada ao outro, o que este outro seria capaz de fazer por não querer conviver com o “diferente”, com a pluralidade, diversidade etc. Os mecanismos que sustentam os ideais do preconceito e da discriminação, seja no ensino superior ou na sociedade como um todo, podem ser definidos sob a perspicácia das inter-relações e dos marcadores sociais, que em sua complexidade, são fundamentais para efetivação da igualdade, rompendo, por assim dizer, com estereótipos e subjetivações para com à comunidade LGBTI+.

Muitos dos que colaboraram com esta pesquisa descreveram situações incômodas e cruéis sofridas dentro do ambiente acadêmico, tais narrativas são inaceitáveis no Estado democrático de direito e precisam ser combatidas. A omissão sugere ausência de ação e o silêncio muitas vezes é a porta de entrada para doenças que custam a própria vida. Não se pode brincar de manifestar o ódio, nem mesmo normalizar qualquer que seja o tipo de violência. A democracia permite e incentiva o contraditório, desde que preserve a harmonia e o respeito a condição humana referente ao outro.

A aversão à comunidade LGBTI+ segue sendo registrada mediante a realidade de violência e desumanidade na sociedade, seja com relação aos problemas sociais, que vêm, ao passar do tempo, crescendo sempiternamente, ou com relação a dificuldade de reconhecimento dos conceitos interseccionais, que de uma forma ou de outra, possibilitam um panorama extenso que pode proporcionar uma visão crítica e reflexiva a partir do diálogo construtivo e transformador, versando sobre a importância do respeito, equidade e a busca incessante da justiça social.

Referências Bibliográficas

- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: edições.
- Bilge, S. (2018). Interseccionalidade desfeita: salvando a interseccionalidade dos estudos feministas sobre interseccionalidade. *Revista Feminismos*, 6(3). <http://www.feminismos.neim.ufba.br/>
- Collins, P. H. (2017). Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. *Parágrafo*, 5(1), 6-17.
- Fernandes, S. C. S. et al. (2024). Preconceito sexual online: Intolerância homolesbotransfóbica no facebook. *Revista Brasileira de Estudos da Homocultura*, 7(22).



- Fuser, I. (2018). América Latina: progressismo, retrocesso e resistência. *Saúde em debate*, 42, 78-89. <https://doi.org/10.1590/0103-11042018S307>.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social* (6ª ed.). Atlas.
- Hirata, H. (2014). Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. *Tempo social*, 26, 61-73. <https://doi.org/10.1590/S0103-20702014000100005>.
- Leão, M. L. P., & Lando, G. A. (2024). Mais um dia normal na universidade...: experiências de preconceito dentro de uma universidade pública do Brasil. *Cuadernos de Educación y Desarrollo*, 16(5), p. e4199-e4199. <https://doi.org/10.55905/cuadv16n5-048>.
- Machado, G. C., Gonçalves, J. R., & Da Costa, D. (2020). O direito da comunidade LGBT: o respeito à personalidade homoafetiva no ordenamento jurídico brasileiro. *Revista Processus de Estudos de Gestão, Jurídicos e Financeiros*, 11(41), 379-393. <https://doi.org/10.5281/ZENODO.4458285>.
- Muscolino, S. (2023). Uma letra trans-política do progressismo. *Metabase*, 18(35). <https://doi.org/10.1590/0103-3352.2022.37.246289>.
- Nascimento, M. A. N. (2009). Homofobia e homofobia interiorizada: produções subjetivas de controle heteronormativo? *Athenea Digital*, 227-239.
- Neves, J. L. (1996). Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. *Caderno de pesquisas em administração*, 1(3), 1-5.
- Pasquino, G. (2024). Conservadorismo (i) e Progressismo (i): mentalidade e prática. *ParadoXa: XVIII*, 1, 23-35.
- Ribeiro, C. J., Moraes, C. F., & Kruger, N. R. M. (2019). A universidade e os corpos invisibilizados: Para se pensar o corpo LGBT. *Diversidade e Educação, Pelotas*, 7(2), 357-372. <https://doi.org/10.14295/de.v7i2.9305>.